

# OS LIVROS DA SEMANA

I—A cultura e a vida

Há presentemente em Portugal uma geração de jovens—jovens já com as suas responsabilidades—que se não cansa de acusar os seus antecessores de não sei quantas traições á vida. Não é a primeira vez que abordo este assunto. Vou permitir-me mesmo a presunção de citar um ensaio que um dia escrevi e ao qual ainda não se fizeram sérias refutações. Um dos meus críticos, akás generoso, limitou-se a dizer, quando estudou o livro onde esse ensaio vem publicado, que não valia a pena discutir as minhas considerações sobre a literatura e a vida. Na opinião dele essas considerações eram insustentáveis. Confesso que ficaria muito mais convencido da sua fragilidade caso as tivesse visto sujeitas a uma crítica implacável. Assim, permito-me duvidar desse juízo dogmático. Fiqui na minha. Porque fiquei na minha, não receio insistir em passados erros.

Não este crítico, mas jovens inumeros insistem em considerar-me um desses intelectuais para quem a vida é uma coisa e a cultura outra. Acho que não fazem mal em assim me considerar. Se não sou um modelo de arrumação, confesso gostar de uma certa ordem nas ideias. Eis por que não posso deixar de pôr a vida, a um lado e a cultura a outro. Quere-me parecer que os jovens de hoje são bastante diferentes dos jovens de ontem. Quando no meu tempo se jogava o *football* era o *football* que se jogava: uma bola, pés e as respectivas redes. Nunca aconteceu jogar-se o *football* com raquetas. Com raquetas jogava-se o *tennis*. Hoje parece não ser assim. Aquele jovem que outro dia me censurava por eu declarar reservar para mim os problemas da cultura quando de cultura tratasse deixando os problemas da vida aos que da vida tratarem, esse jovem deve jogar o *football* com raquetas. Naturalmente reserva os pés para o *tennis*. Outros tempos! Não. Serei velho, serei retrógrado, serei o que os meus amigos quiserem; quando de cultura tratar é de cultura que trato. Mas pela mesma razão que não mando cortar os braços ou arrancar os ombros quando jogo o *football*, só pelo facto de me não servir deles no jogo, quando trato da cultura, não mando arrancar o coração pelas costas nem o estomago pelos pés. Por uma questão elementaríssima de ordem—ou de divisão de trabalho, se quiserem—limito-me, nesse momento, a pôr em cima da mesa o problema estudado. Se é de romances que se trata, é de romances que eu trato. Não sei como estudar os problemas directamente relacionados com o meu tema caso comece por pensar na vida e esqueça o tema: o romance. Parece-me que, de facto, o romance não é a vida. É uma sua imagem. Mas, exactamente por isso, eu, como crítico que procuro ser, não é a vida que vou estudar é a sua imagem na obra proposta ao meu raciocínio. Se assim não proceder, acabarei por trair a minha missão. Voltaremos ao caos. Imagine-se um médico chamado á cabeceira de um doente com uma peritonite. Se este médico pensar na vida e não na cultura vê-lo-emos esquecido da doença e do seu diagnóstico, todo entregue a discorrer sobre as condições económicas da sociedade e a distribuição das riquezas. Pois não será muito mais importante a vida do que a cultura? A cultura, para o médico, é a sua ciência médica, aquilo que aprendeu nos livros: na obra e no exemplo dos mestres. Quere dizer: para certos jovens um crítico não deve ser crítico, um médico não deve ser médico, um jogador de *football*, não deve ser jogador de *football*. Para eles, na vida, o que é preciso é pensar na vida...

## II—Venham as obras!

Isto vai assim um pouco á maneira de *blague*. Mas já vi que não vale a pena ir de outra maneira. Até hoje ainda nenhum desses jovens amantes da vida soube estudar o problema com a inteligência, a elevação e a compreensão que ele require. Limitam-se a ferroadas jornalísticas. Ora a verdade é não haver nada mais triste do que ver estes rapazinhos, desorientados a chamarem que os outros não fazem, os outros não prestam, os outros não sabem o que é a vida, quando afinal quem não faz, quem não presta, quem não sabe o que é a vida são eles. Pelo menos sabem tão pouco o que é a vida como o que é a cultura. Da vida pouco sabem porque são jovens, da cultura nada sabem porque a desprezam. A verdadeira cultura não anda aí aos pontapés. Não se escrevem obras primas entre um café e um grito á vida. E se é preciso haver quem defenda os livros da fogueira, como diz um desses jovens uma coisa se me afigura muito mais importante do que isso: haver quem os escreva. Com tantos gritos á vida, duvido muito de qu'essa geração de jovens tenha a temer pelo futuro dos seus livros. Andam há anos a dizer que em Portugal os romancistas não repararam no povo, não querem saber dos grandes problemas, desprezam a vida e não há maneira de nos darem

## SOLIDÃO por JOÃO FALCO

um romance que preste. Andam há anos a fazer confusões entre a arte e os interesses sociais, entre a cultura e a vida, entre isto e aquilo, e não há meio de nos darem uma obra onde exponham com intelligencia os seus pontos d'vista. Porque não escrevem ao menos um artigo substancial? Por que não reparam nos argumentos dos outros? Porque não experimentam raciocinar com a propria cabeça? Quando têm de responder á teoria de que a arte é uma coisa os interesses sociais outra, vão á cartilha, esquecem os argumentos que lhes opuseram e baralham tudo. Ao fim, ficam sem perceber nada do que se lhes disse e demonstram nada compreenderem do que dizem. Excesso de juventude ou insuficiência intelectual? Vontade de baralhar ou incapacidade de ver claro? Façam obras, rapazes! O que nós precisamos é de obras.

## III—Literatura humana e literatura humanitaria

De facto, ninguem tem batailhado tanto por uma literatura humana como certa, geração contra a qual estes jovens vitalistas espumam. Mas já lhes não agrada falar de literatura humana: agora falam da vida. Quando eu um dia escrevi que a literatura humana era uma coisa a literatura humanitaria era outra, os jovens calaram-se. Até hoje ainda não vi nenhum deles levantar contra esta distincção qualquer argumento sólido. Na verdade, é bem que nos entendamos: é literatura humana (ou cultura, vá lá) que os jovens reclamam ou literatura (vá lá, cultura) humanitaria? São coisas diferentes: literatura humana é aquela que revela o homem sem pretender solucionar-lhe os problemas. Literatura humanitaria é aquela que se empenha em resolver os problemas do homem. Evidentemente que os grandes problemas do homem são eternos: são hoje o que eram no tempo dos gregos. Ficam os pequenos problemas: os chamados problemas temporais. E' destes que cura a tal literatura humanitaria? Seria bom responder claramente a esta duvida. Todos os mal entendidos se esclareceriam. Se é uma literatura para resolver problemas temporais do homem que os jovens reclamam, não haja duvida: essa literatura está muito perto da vida. Está tão perto da vida que se amissa a ser mortal como ela. Deixemos, pois, os jovens refocilar numa literatura mortal. Nós, mortais como e's, nunca nos poderemos resignar a que os nossos mais altos ideais sejam tão mortais como nós. Para nós, pois, a mortalidade; para a literatura (para a cultura, se quiserem) que defendemos a imortalidade. Só á custa da sua imortalidade nos deixaremos morrer.

## IV—Que literatura é esta?

A que especie de literatura pertence uma obra como esta de João Falco, *Solidão* (Seara Nova, 1939)? É literatura humana ou humanitaria? É literatura da tal que se não isola da vida? Não sei que nome lhe darão os tais jovens. Sei que tenho sido dos poucos a defender esta especie de literatura: uma literatura confessional, uma literatura de compromisso entre o homem e a obra. Neste caso o compromisso não é propriamente entre o homem e a obra, mas entre a mulher e a obra. João Falco, não é surpresa para o leitor culto, é pseudónimo de uma senhorá. Não é a primeira vez que tenho ocasião de me referir á obra desta escritora. *Solidão*, João Falco a obra que acaba de publicar, devia ter sido o quanto volu-me da Colecção de Autores Modernos Portugueses, que eu tive a honra de dirigir. E', pois, uma obra minha conhecida. Se a sua publicação tardou tanto a culpa não foi minha. A colecção acabou. A obra, já composta, foi lançada ao lixo e fundida para tijo, sob o pretexto de que não prestava. Isto na opinião de um desses industriais do livro, para quem o que importa é a industria não o livro. A minha opinião não é essa, desculpe-me o industrial. *Solidão* é uma obra de um préstimo invulgar. João Falco, demais, se é poeta de uma humanidade rara, como analista, e *Solidão* é uma obra de análise, não tem rival entre as escritoras portuguesas. Entre os escritores, poucos se lhe avantajarão.

Mas vamos de vagar. Não se pode dizer que haja uma diferença radical entre *Um dia e outro dia...*, *Outono havias de vir* e a obra presente. Sou daqueles que sempre se recusaram, mais ou menos, a aceitar o nome de poeta

para a personalidade de João Falco. Quere dizer que *Solidão* é para mim um livro mais de João Falco que todos os outros seus livros. Isto por uma razão. A poesia—a forma gráfica do verso—limita as possibilidades analíticas predominantes em João Falco. É certo que a análise de João Falco se resolve quasi sempre em poesia. Em todo o caso, uma coisa é a poesia que vem coroar o gesto humanissimo pelo qual João Falco se debruça sobre si propria, curiosa, emargura, inquieta, ansiosa, outr. a poesia que vai na frente do proprio gesto e o determina, o delimita, o obriga a ser coerente consigo mesmo. A forma poetica não lhe permitiria escrever isto, por exemplo: «Cada ser que vive é um misterio! A sua rota é obscura e sinuosa, sempre complicada... Mas o misterio não está só no ser, no estrutural; está antes na maleabilidade e na finura dos seus interesses, na divisão e na harmonia destes! Ai, aí é que ele está...» Pelo menos não lhe permitira dar á expressão este tom explicativo, de quem se apercebe intellectualmente de uma nuança da vida humana, resultado de uma observação antes traduzida numa análise, num demorado e tranquilo *sobolôquio*. Uma das coisas que mais me agrada em João Falco é a penetração do seu monólogo interior, a tensão analítica a que o mantém, a coragem de o continuar, e sobretudo a lucidez mercê da qual sabe que as suas proprias palavras já não são verdadeiramente o pensamento, a sensação, a emoção que tentam fixar. Quere dizer: há em João Falco uma vida interior feita consciencia, uma agudeza tão penetrante na auto-análise que se pena vê-la mutilada. A forma poetica dos seus outros livros mutilava-a um pouco. Neste tudo ressalta com seus contornos precisos.

Depreender-se-á daqui que este livro não é totalmente diferente dos outros. De facto, não o é. João Falco deixou-se, neste, um pouco mais á-vontade. Isto é, talvez se sinta mais livre deixando correr as palavras sobre o papel, á maneira de, uma notação que se procura purificar. Mas não é a um tal «mais á vontade» que eu me refiro. Refiro-me, sim, ao «mais á vontade» traduzido pela mais completa expressão do pensamento. Sim: em *Solidão* João Falco mutila muito menos o pensamento. Dá-se quasi integral. Aqui a vemos virar-se de todos os lados, apalpar-se como um medico sabe apalpar o corpo humano, percorrer todos os caminhos dos *porquê*, dos *como*, dos *para quê*, dos *por onde*. Não há direcção que lhe fique vedada, não há angustia que chegue até nós mutilada. O movimento analítico de João Falco não pode deixar perder um pormenor. Nisto está em grande parte o seu proprio drama.

## V—E' literatura humana!

Sim: esta literatura é humana? é humanitaria? é viva? Esta literatura é aquilo que é: é uma literatura confessional, psicologica, em que a potencialidade do drama intimo ascende á poesia. E depois? Que resulta daqui? Melhora-se o mundo? Não se melhora o mundo: aprofunda-se a alma humana. Dir-me-ão: mas há problemas humanos que andam directamente relacionados com a organização da vida. Se a vida estivesse organizada de outra maneira, talvez João Falco fosse outra pessoa. Não duvido que a propria João Falco seja capaz de ter por momentos essa ilusão. Mas, trata-se apenas de uma ilusão. João Falco seria o que é quaisquer que fossem as condições da sua vida. A inquietação, a angustia, a insatisfação, o orgulho, a complexidade estão nela, não estão na vida. Quantas mulheres haverá na mesma situação, incapazes de compreenderem as queixas deste livro! E no entanto pinta-se nele a solidão da mulher, «o estado interiormente deprimido daqueles a quem tudo falta. O calor humano, a reciprocidade das relações, o interesse dos outros, a sua companhia!» E' que há mulheres solitarias que nunca deram pela sua solidão. A solidão não é um sentimento comum a todas as mulheres solitarias. A solidão é um sentimento em que vivem certas almas. Isto é: não há organização social alguma capaz de dar felicidade a certas pessoas. A sensibilidade de João Falco não se pode conformar com o mundo. Eis tudo.

Inutil, pois supôr, que obras como esta de João Falco não se escreverão em todos os tempos. Inutil supôr que há estados de angustia e de susceptibilidade capazes de desaparecer do mundo. O homem é um ser misterioso. Não sou eu quem o diz: é João Falco. «Cada ser

que vive é um misterio!» Sim: cada ser que vive é um misterio. João Falco não podia desconhecer isso. João Falco conhece-se a si mesma como poucas portuguesas se conhecem: a sua auto-análise é um caso unico na nossa literatura, se ressalvamos o caso da Freira de Beja, na hipotese louvavel de que a Freira de Beja haja existido algum dia... Mas o facto de a sua auto-análise descer fundo não nos assegura que João Falco não continue a ser para si mesma um misterio. Eis a desoladora tarefa de todo o auto-analista. Por mais que se rasgue, por mais que se escarpelise, por mais que se debruce sobre si mesmo, continuará desconhecido. «Cada ser que vive é um misterio».

Mas porque forço eu João Falco a ficar dentro dos limites da literatura feminina? Não se revoltava João Falco contra a distincção entre arte feminina e arte masculina? De facto, talvez não haja razões para distinguir. Pelo menos, não há razões para distinguir um romance de uma mulher do romance de um homem, um quadro de uma mulher do quadro de um homem. Presume-se que homens e mulheres são igualmente dotados para a arte. Mas o que importa não é distinguir a arte masculina da feminina no seu aspecto objectivo e tecnico. O certo é que a arte não importa só como coisa formal. Importa sobretudo como expressão de sensibilidade, como revelação de psicologias. Eis por que convém distinguir aquilo que uma mulher nos pode dizer de si mesma daquilo que um homem de si mesmo nos dirá. A literatura feminina tem um papel: revelar a mulher. Ora a verdade é que as angustias da mulher são diferentes das angustias do homem: não são iguais os seus dramas, são diversos os seus problemas. Um livro como *Solidão* só poderia ter sido escrito por uma mulher. Mas porque escreve João Falco? «Escrever, que valor pode, pois, ter para mim?» pergunta-se ela a si mesma depois de se dizer irradiada dos meios literarios. «O de uma fatalidade ou de uma mania infantil; inocente, desgastativa». Na verdade, para João Falco escrever não é um exercicio. Para João Falco escrever é cumprir um fadario. Se há momentos em que se revoltava contra a literatura, o certo é que se revoltava sempre escrevendo. E' a literatura que lhe faz duvidar da literatura. Note-se: aqui a palavra «literatura» está mal aplicada. João Falco, neste livro, pelo menos, escreve sem literatura alguma. Sim: não estamos diante de um livro concebido com qualquer plano, para dar satisfação a quaisquer preocupações de beleza literaria. Estamos diante de um livro composto de fragmentos, de retalhos, de instantes: de sondagens no tempo, na alma, nas coisas, nas pessoas, na vida. Não se pode chamar a isto uma obra literaria. Isto é, sim, um documento humano. João Falco defende-se das obras construídas, das obras em que a sinceridade cede ao artificio literario. Eis por que se confessa, incapaz de fazer de uma historia da sua infancia uma novela. «Porque eu não me queria pintar irrealisticamente nem, aos outros». A necessidade de transportar, alterar, transformar fá-la hesitar perante a novela. Não. O que João Falco quere é tudo poder dizer desta maneira directa, em que a emoção está ali e o escritor em frente dela, pronto a reanimá-la, a vê-la viva, a estudá-la nos seus contornos, a nada deixar escapar da sua realidade nua, sem disfarces, sem artificios. «Ambiciono a mais extraordinária ante, a de pôr a nu a desordem do espirito, a confusão, não á tranquilidade!».

Por isto mesmo *Solidão* é uma obra unica na nossa literatura. E' nela tão poderosa a força da análise como a vitalidade do drama. Estas duas coisas juntas são raras: ou se é um forte espirito analítico ou se é uma alma ardente. João Falco é as duas coisas. Mas a sua alma ardente queima-se a si mesma, vai andando diante de nós, inapagavelmente. Sentimo-nos impotentes para a socorrer: como se tivéssemos de deixar morrer perante nós um doente com o diagnostico feito, mas sem remédios para debelar o mal.

Felizmente, deste drama fica-nos uma obra: uma obra humanissima, uma obra cheia de sinceridade. João Falco o diz: esta literatura não mente: «Porque nada na vida é literario! A propria pose e impostura literaria, o baluarte da arte, nos revelam e nos explicam. Atrás da literatura, boa ou má, está sempre o homem...» E' pouco isto? Atrás da obra de João Falco está uma alma, um corpo, uma consciencia, qualquer coisa que vem até nós, se nos mostra fremente, e nos dá o espectáculo, velho como o mundo é novo como tudo que é vivo, de uma alma que não pode cair as suas insatisfações. Perante nós, passam, ora rápidos, ora ansiosos, ora lentos, ora tímidos, ora provocantes, ora desesperados, ora desdenhosos, os lances de uma alma insatisfeita. «Sim a insatisfação é em mim uma especie de espinho permanente». Belo documento de literatura humana!

JOÃO GASPASIMC